

# Médicos vão ensinar índios a usar preservativos

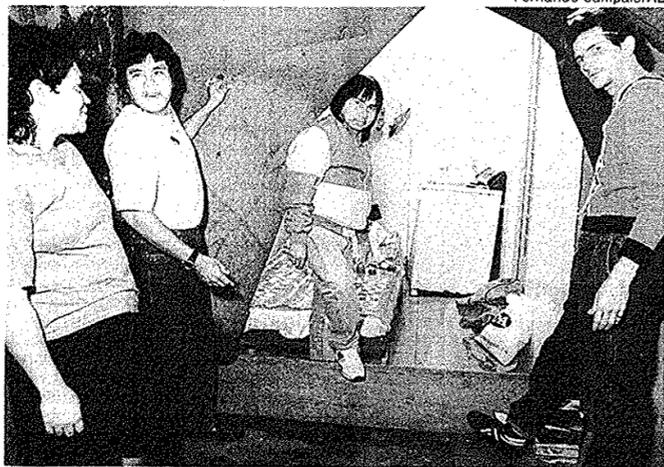
Equipe da Escola Paulista de Medicina se prepara para ir ao Xingu ensinar a prevenir doenças sexualmente transmissíveis

HELIANA NOGUEIRA

Um artefato plástico está causando espanto, curiosidade e ainda vai dar muito o que falar no Parque Indígena do Xingu. Em julho, uma equipe de médicos da Escola Paulista de Medicina (EPM), coordenada por Douglas Rodrigues, vai ensinar aos índios como usar camisinha e prevenir "as doenças dos brancos", especialmente a Aids. O trabalho faz parte de um programa que ensina aos índios como diagnosticar e tratar doenças como a malária.

Acostumados a andar nus e a ter muitas parceiras, os índios chegaram a se assustar durante o primeiro contato com os preservativos, feito em apenas algumas tribos no início de 1992. "Fomos correndo para lá quando soubemos do primeiro caso de gonorréia," conta Rodrigues. "Acabamos descobrindo outros três doentes. O jeito foi pegar um daqueles livros com fotografias bem feias de doenças venéreas para assustá-los."

Tudo com muito cuidado. Coisa que a equipe médica da EPM, formada por 6 médicos, 2 enfermeiras e um dentista, já aprendeu durante os 28 anos que convive com os índios do Xingu. "Esse trabalho de conscientização vem sendo feito há dois anos. Em 1991, reunimos os índios para falar sobre diarreia.



Fernando Sampaio/AE

## Situação crítica

Caso do Índio, em São Paulo: sem verba e condições para atender os que precisam de cuidados

Em 1992, informamos sobre infecções agudas e tuberculose. Agora, vamos discutir sobre as doenças sexualmente transmissíveis," diz Rodrigues.

Os índios estão empolgados. "Tem índio que já tem doença porque não usou camisinha", diz Pichanhã Juruna, que há duas semanas trocou o arco e a

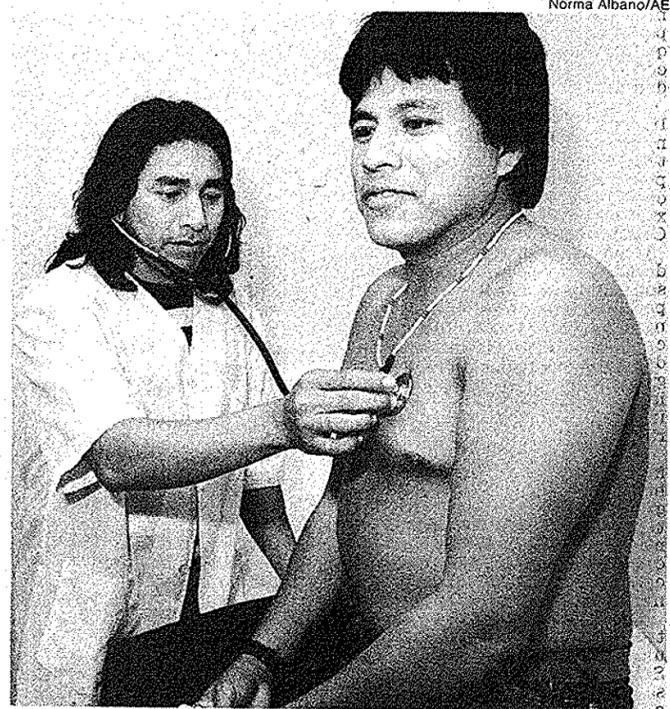
flecha por um microscópio — e tem passado horas em um laboratório da Superintendência de Controle de Endemias aprendendo a fazer o diagnóstico de malária também como parte do trabalho da EPM. "A gente precisa saber usar. Os índios têm medo dessas doenças e alguns já estão usando essa camisinha."

O trabalho da EPM no Xingu — a primeira experiência brasileira de participação de uma universidade na assistência à saúde do índio — teve início em 1965, idealizado por Roberto Baruzzi. Quatro vezes ao ano uma equipe se dirige à região de 36 mil Km<sup>2</sup>, localizada ao norte do Estado do Mato Grosso (onde sobrevivem quase 4 mil índios, divididos em 17 tribos e cerca de 48 aldeias), para fazer vacinação e cadastramento.

Essa parte do trabalho continua sendo feita. Mas, em 1990, a EPM decidiu iniciar cursos para repassar aos índios os conhecimentos da medicina. "Eles são eleitos pela tribo e aprendem ações básicas de saúde", diz Rodrigues.

Os índios monitores passam por um processo de formação em três etapas: na primeira, participam de oficinas, no Xingu, aprendendo sobre primeiros socorros etc.; numa segunda etapa, são avaliados; depois passam por estágio em São Paulo aprendendo a fazer diagnóstico e a tratar as doenças.

Os índios Pichanhã Juruna e Nhakapraũ Metuktire, atualmente em São Paulo, fazem parte da quarta turma a passar pelo curso. "Confio mais no trabalho dos monitores do que no de muitas atendentes da Funai que estão no Xingu", afirma Rodrigues.



Norma Albano/AE

## Curso rápido

Nhakapraũ Metuktire, do Xingu: abandono de arco e flecha para 'aprender' medicina em São Paulo

## Casa do Índio tem atendimento prejudicado

A Casa do Índio, que abriga em São Paulo os índios que precisam de tratamento médico, está em situação caótica. Planejada para atender apenas 12 pessoas, o imóvel está com 52 índios — entre suiás (Xingu), pataxós (Bahia), xavantes (Mato Grosso), nhambiquaras (Maranhão), fulni-ós (Pernambuco) e guaranis (São Paulo) — que dormem no chão, não têm medicamento e nem o que comer.

"Nossa situação é precaríssima", conta a chefe da Casa do Índio, Dalva e Silva, funcionária da Funai. "A última verba que recebemos foi em 13 de abril." Para conseguir comida, os índios fazem palestras em escolas em troca de alguns quilos de arroz e feijão.

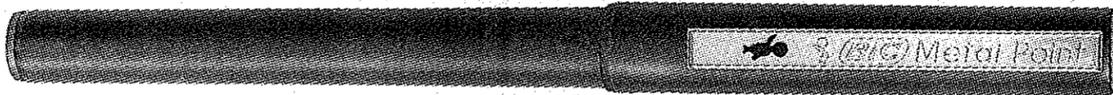
Na lavanderia da casa dormem três índios. Na farmácia, outros cinco. Na sala, mais quatro (um deles em cima de uma mesa). Nos quartos, o teto ameaça desabar. Durante a noite, não há plantão — se alguém passar mal, vai ter que chegar ao hospital sozinho, muitas vezes sem ao menos conseguir falar o português.

"Os índios chegam aqui para receber atendimento médico e acabam ficando ainda mais doentes, dormindo no chão, sem cobertor e sem alimento", reclama Mário Fulni-ô. "Quando acaba o tratamento, também não podemos voltar, porque não há dinheiro para a passagem."

Orlando Villas Boas, assessor da Funai, diz que o papel da fundação atualmente é "apenas decorativo". "Os recursos da Funai foram diluídos em vários ministérios que não sabem como lidar com índios", diz. "O índio está totalmente desamparado, sendo assistido por um governo cruel e insensível."



A CANETA SOFT BALL DA BIC



SISTEMA ROLLER BALL. PONTA DE 0,4 mm. ESCRITA NAS CORES AZUL, PRETA E VERMELHA.

## Verba para a saúde é devolvida ao governo

Parte do orçamento liberado no ano passado para cuidar da saúde dos índios foi devolvida ao governo federal: os técnicos da Coordenação da Saúde do Índio (Cosai), órgão ligado à Fundação Nacional do Índio, do Ministério da Saúde, e responsável pela verba, não sabiam o que fazer com ela. Enquanto isso, faltam recursos humanos, materiais e medicamentos para o atendimento aos índios. A razão é simples: não existe uma lei por parte do Ministério da Saúde que normatize o repasse de verbas e as ações de saúde de aos índios.

"Ainda não sabemos quanto foi devolvido, estamos fazendo um levantamento", explica Lúcia Maria Monteiro, vice-coordenadora da Cosai. "O grande problema está ocorrendo porque Funai e a Fundação pertencem a ministérios diferentes, que não chegaram a um plano comum de trabalho." A situação é a mesma desde 1991, segundo Lúcia, quando foi criado o decreto que estipula o funcionamento da Funai em conjunto com o Ministério da Saúde.

"A Funai sabe o que fazer com o dinheiro mas não tem recursos nem pessoal", explica Douglas Rodrigues, coordenador do trabalho no Parque do Xingu. "Já a Funda-

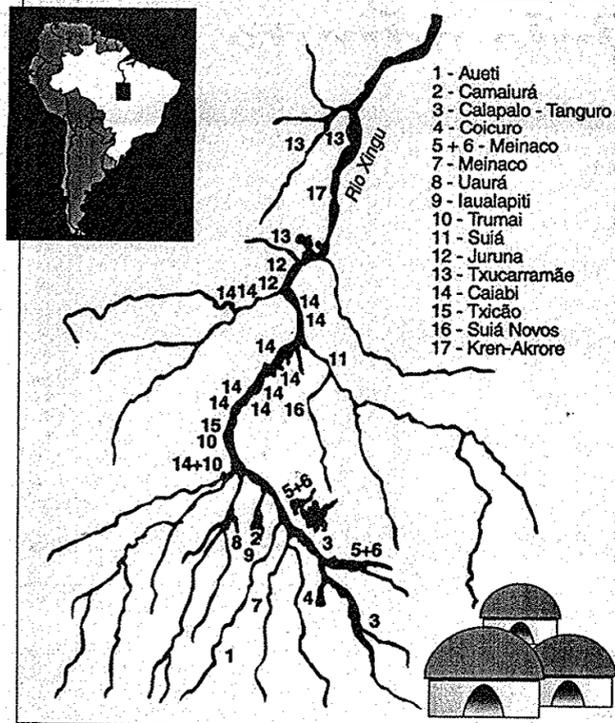
ção Nacional de Saúde tem a verba e recursos humanos mas não tem conhecimento nem vontade."

Segundo Douglas, o processo de sucateamento da Funai vem avançando desde 1984. "Com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), em 1988, a Funai perdeu sua função de assistência à saúde do índio", assegura Rodrigues. "Chegamos a um ponto, em 1990, que o atendimento no Parque do Xingu passou a ser feito apenas pelos monitores treinados na EPM, além de uma equipe (formada por 1 médico, 2 enfermeiras e 1 dentista), também da EPM, instalada nos postos de saúde do parque."

Para Orlando Villas Boas, assessor da presidência da Funai, a luta da fundação é inglória. "A Funai não tem autoridade nem recursos para fazer o que deve ser feito", assegura. "Atualmente a saúde do índio está nas mãos da EPM, que criou um ambulatório especializado e atende índios de todo o País."

O pesquisador Araripe Pacheco Dutra, da Sucep, que faz o treinamento dos índios para o diagnóstico da malária (sem ganhar nada por isso), compartilha da mesma opinião. "Sempre houve desca- do do governo com a saúde do índio", garante.

### A distribuição de tribos no Xingu



## Assistência a doentes prevê ajuda de pajé

Para não ferir o orgulho dos pajés, figuras muito respeitadas nas tribos, os índios monitores (aqueles que aprenderam os primeiros socorros) fazem um trabalho de tratamento conjunto — um cuida do espírito, o outro, do corpo. "Antes de mais nada, é preciso que haja um respeito mútuo. Só assim a medicina tradicional e a ocidental podem caminhar juntas numa aldeia", explica Douglas Rodrigues, da EPM. "Os dois são colegas de profissão: só que um se formou na faculdade, o outro na floresta."

No início foi difícil convencer os índios e, especialmente, os pajés que a interferência da "medicina branca" era fundamental. "É um trabalho de sedução", comenta Rodrigues. "Tentamos mostrar que, já que se trata de uma doença do branco, sabemos como tratar dela. Muitas vezes os pajés não querem intromissão, mas depois de algum tempo de reza acabam aceitando uma 'ajuda'."

Um exemplo real de divisão de tarefas foi contado por Rodrigues, e aconteceu numa aldeia Caiapó, quando o filho do grande cacique Raoni estava para nascer. Formou-se uma "junta" de pajés, muitos deles famosos, como Taumã, Prepurí e Sapain. O parto começou a demorar e Rodrigues foi chamado para opinar no caso. "Eu disse que o parto seria perfeito porque o feto estava na posição certa", conta o "médico branco". "Mas ele não estava nessa posição", retrucou um pajé. "Fui eu quem o fez ficar assim." Não teve outro jeito: Rodrigues acabou cumprimentando o pajé por seus "enormes poderes".